

O Apóstolo Pedro e a Destruição do Templo no Ano 70 d.C.

Porque o Apóstolo Ignora a
Destruição do Templo em 586 a.C.?



revista cristã
última chamada

JASON L BRADFIELD

O Fim dos Tempos como você nunca ouviu falar!



- ▶ Arrebatamento
- ▶ Fim do mundo
- ▶ Guerras
- ▶ Grande Tribulação
- ▶ Milênio
- ▶ Preterismo
- ▶ Pós-milenismo



**www.
revistacrista
.org**

O Apóstolo Pedro e a Destruição do Templo no ano 70 d.C.

Porque o Apóstolo Ignora a Destruição
do Templo em 586 a.C.?

Jason Bradfield

Tradução e adaptação textual por
César Francisco Raymundo



revista cristã
última chamada

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal

Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298

Operação: 013

Conta: 00028081-1

Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

www.revistacrista.org

Contato:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org

O Apóstolo Pedro e a Destruição do Templo no ano 70 d.C.

Porque o Apóstolo Ignora a Destruição do Templo em 586 a.C.

Autor: Jason Bradfield

Site: <https://www.reformation.blog/>

Acessado dia 08/07/2026

Capa: César Francisco Raymundo
(Imagem criada por IA)

Revista Cristã Última Chamada publicada com a devida autorização e com todos os direitos reservados no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sob nº 236.908.

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais.
É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

Editor
César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br

Site: www.revistacrista.org

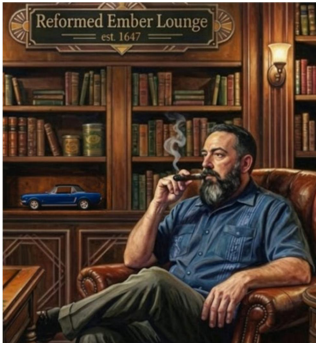
Porto Belo – Santa Catarina

Julho de 2026

Índice

Sobre o autor	07
Apresentação	08
Porque o Apóstolo Ignora a Destruição do Templo em 586 a.C.	10
Adendo 1	
Os escarnecedores dos últimos dias em 2ª Pedro e o significado de <i>stoicheia</i> : uma leitura preterista	13
Obras importantes para pesquisa...	17

Sobre o Autor



Jason L Bradfield é pastor auxiliar da Igreja Presbiteriana Reformada de Cristo | Presidente Interino: Seminário e Faculdade Teológica de Whitefield.

Administra o site <https://www.reformation.blog/>

Apresentação

Sou defensor de que 2ª Pedro 3 não trata do Juízo Final, mas da destruição do templo de Jerusalém no ano 70 d.C. Há diversos elementos no texto que apontam nessa direção. Para quem conhece apenas a interpretação futurista e não a preterista, essa leitura pode parecer estranha, pois, à primeira vista, o capítulo parece se referir à Segunda Vinda de Cristo e a destruição do mundo.

Confesso que nunca havia considerado a possibilidade levantada por Jason L. Bradfield de que 2ª Pedro 3 faça referência ao evento de 70 d.C. sem mencionar a destruição de Jerusalém ocorrida em 586 a.C.

O texto de Bradfield é realmente muito bom. Ainda assim, não foi suficiente para me convencer, pois entendo que a linguagem empregada por Pedro aponta de forma mais consistente para a destruição de Jerusalém no ano 70 d.C. Em meus estudos, há diversas referências à segunda carta de Pedro relacionadas a esse tema, e considero que a maioria das evidências favorece essa interpretação.

A questão levantada por Bradfield me lembra outro caso semelhante. O único texto bíblico que relata a “matança dos inocentes” a mando de Herodes é o Evangelho de Mateus (2:16–18). Nem os demais evangelhos nem Flávio Josefo mencionam esse episódio. Por que Josefo não o registrou? Não sabemos ao certo. É possível que o acontecimento tenha sido relativamente pequeno e não tenha chegado ao seu conhecimento; que ele tenha optado por não mencioná-lo; ou, ainda, que Mateus tenha dado ao relato uma ênfase especialmente teológica.

Da mesma forma, não sabemos por que Pedro não faz referência à destruição de Jerusalém no ano 586 a.C. Essa ausência, porém, não invalida uma interpretação preterista de 2ª Pedro 3.

Por essa razão, decidi incluir o texto de Bradfield, juntamente com minha análise, como um adendo ao final da obra, para que o leitor possa comparar os argumentos e avaliar qual interpretação lhe parece mais consistente.

Boa leitura!

César Francisco Raymundo
Editor da
Revista Cristã
Última Chamada

Se 2ª Pedro 3 se refere a cerca de 70 d.C.,
por que Pedro ignora 586 a.C.?

Enquanto finalizava meu sermão para este domingo sobre os versículos iniciais de 2ª Pedro 3, uma antiga questão minha ressurgiu. É uma questão que me incomodava mesmo quando eu ainda defendia uma interpretação preterista deste capítulo, embora sua força só tenha se revelado completamente anos depois.

Se 2ª Pedro 3 descreve a vinda de Cristo em 70 d.C. para destruir Jerusalém e o Templo, então a lógica de Pedro deveria refletir esse cenário. Se os zombadores supostamente rejeitam uma profecia sobre o julgamento iminente de Jerusalém, então a refutação mais clara e convincente que Pedro poderia oferecer seria a destruição do primeiro Templo pelos babilônios em 586 a.C. Esse é o paralelo histórico mais óbvio: um Templo em Jerusalém destruído em julgamento. Nada mais se compara.

No entanto, Pedro não recorre a esse precedente. Ele vai direto ao dilúvio.

Para perceber o quão estranho isso é, imagine a conversa como a interpretação preterista exige que a imaginemos:

Pedro: Escarnecedores virão nos últimos dias, zombando da ideia de que Cristo virá em breve para destruir Jerusalém e seu Templo, seguindo seus próprios desejos pecaminosos.

Escarnecedores: Onde está essa vinda prometida e essa destruição do Templo? Desde que os pais adormeceram, todas as coisas em Jerusalém permanecem como desde o princípio da criação.

Pedro: Eles deliberadamente ignoram este fato: que há muito tempo existiam os céus e a terra foi formada da água pela palavra de Deus, e que por meio dessa mesma palavra o mundo que então existia foi inundado e pereceu. Pela mesma palavra, os céus e a terra atuais estão reservados para o fogo até o dia do juízo.

Os problemas se tornam óbvios.

Primeiro, a afirmação dos escarnecedores de que “todas as coisas permanecem como eram desde o princípio da criação” não faz sentido em uma interpretação centrada no Templo. Jerusalém não existia desde o princípio da criação. A única maneira de tornar a objeção deles aceitável seria argumentar que “criação” se refere à construção do Templo, uma manobra linguística e contextualmente insustentável, pois Pedro retoma a criação dos céus e da terra em sua refutação. Seu apelo à formação do mundo e ao julgamento cósmico desse mundo por meio do dilúvio demonstra que “criação”, na boca dos zombadores, carrega seu sentido literal e normal.

Em segundo lugar, a resposta de Pedro não faz sentido se a questão for a destruição do Templo. Ele não diz: “Vocês ignoram o fato de que Deus já destruiu o antigo Templo uma vez”.

Esse seria o exemplo paralelo exato. O único precedente histórico que corresponde à suposta previsão é a destruição babilônica em 586 a.C. Se Pedro pretende provar aos zombadores que Deus pode e irá destruir um Templo em Jerusalém, por que ele ignoraria a única vez em que Deus fez exatamente isso?

Em vez disso, ele diz: “Eles deliberadamente ignoram este fato: que os céus existiam há muito tempo e a terra foi formada... por meio da qual o mundo que então existia foi inundado e pereceu”.

Pedro ignora o paralelo nacional mais óbvio e apela para o julgamento mais cósmico da história bíblica. Ele busca um evento que remodelou a própria criação, porque a objeção que ele está respondendo diz respeito à estabilidade da própria ordem criada.

É precisamente por isso que a leitura preterista falha. A objeção dos zombadores não se encaixa em uma interpretação centrada no Templo. A refutação de Pedro também não. As peças não se encaixam, porque o assunto não é a destruição de Jerusalém. Pedro está argumentando em uma escala cósmica, respondendo a uma negação cósmica e apontando para um precedente cósmico.

Os escarnecedores dos últimos dias em 2ª Pedro e o significado de stoicheia: uma leitura preterista Por César Francisco Raymundo

A segunda epístola de Pedro apresenta uma das passagens mais debatidas do Novo Testamento. Em 2ª Pedro 3, o apóstolo responde aos escarnecedores que zombavam da promessa da vinda de Cristo, dizendo: “Onde está a promessa da sua vinda? Porque desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação” (2ª Pedro 3.4). Tradicionalmente, muitos interpretam esse texto como uma descrição da destruição literal do Universo físico no fim da história. Entretanto, a interpretação preterista entende que Pedro está tratando da transição entre duas Alianças, utilizando uma linguagem profética comum no Antigo Testamento para descrever o fim da ordem da Antiga Aliança e o estabelecimento definitivo da Nova Aliança em Cristo.

Pedro escreve para pessoas do primeiro século. Os “últimos dias” mencionados em sua carta não dizem respeito a um futuro distante de milhares de anos, mas aos últimos dias da economia mosaica. O Novo Testamento inteiro afirma que seus autores viviam nesses últimos dias (Hebreus 1.2; Atos 2.16-17; 1ª Coríntios 10.11). Assim, os escarnecedores eram contemporâneos do apóstolo e ridicularizavam a promessa do julgamento que Jesus havia anunciado sobre aquela geração.

Um dos principais argumentos de Pedro é o paralelo com o dilúvio. Ele afirma que “os céus existiam desde a antiguidade, bem como a terra... pela palavra de Deus; e por essas águas veio a perecer o mundo daquele tempo, afogado em água” (2ª Pedro 3.5-6). É interessante observar que Pedro diz que “os céus e a terra” daquele tempo existiam antes do dilúvio e que o “mundo” pereceu nas águas. Contudo, o relato de Gênesis mostra claramente que o céu físico não foi destruído pelas águas do dilúvio. A chuva caiu do céu, mas o firmamento permaneceu. O julgamento atingiu a humanidade, a terra habitada e a ordem social existente, não o Universo material.

Esse detalhe é importante porque revela a maneira como Pedro utiliza a linguagem. A expressão “céus e terra” possui um significado que vai além do aspecto material. Na linguagem dos profetas, “céus” frequentemente representam autoridades, governos, alianças e estruturas espirituais que governam um povo, enquanto “terra” representa a sociedade organizada sob essa administração. Quando Isaías descreve a queda da Babilônia ou de Edom utilizando imagens de estrelas caindo, sol escurecendo e céus sendo abalados, ninguém entende que o cosmos foi literalmente destruído. Trata-se de uma linguagem profética que anuncia o colapso de uma ordem estabelecida.

Seguindo essa mesma linha, Pedro compara dois grandes julgamentos da história bíblica. O primeiro foi o dilúvio, que encerrou um mundo antigo. O segundo seria o julgamento anunciado por Cristo contra Jerusalém e contra o sistema da Antiga Aliança. Assim como o dilúvio marcou o fim de uma ordem e o início de outra, o julgamento do primeiro século marcaria o encerramento definitivo da economia mosaica e a plena manifestação da Nova Aliança.

Outro aspecto importante do texto é o emprego da palavra grega *stoicheia*. Em 2ª Pedro 3.10, Pedro afirma que “os elementos (*stoicheia*) se desfarão abrasados”. Muitos entendem que esses elementos seriam

os componentes físicos do Universo, como átomos ou partículas da matéria. Entretanto, esse não é o uso predominante da palavra no Novo Testamento.

Paulo emprega *stoicheia* em Gálatas 4.3, 4.9 e Colossenses 2.8,20 para referir-se aos “rudimentos”, “princípios” ou “elementos” do sistema religioso anterior. Em Gálatas, os cristãos são advertidos para não voltarem aos “rudimentos fracos e pobres”, uma referência evidente às ordenanças da Lei de Moisés quando vistas como meio de justificação. Em Colossenses, Paulo também fala dos *stoicheia* em contraste com Cristo, mostrando que eles pertencem à antiga administração religiosa.

Essa compreensão harmoniza perfeitamente o texto de Pedro. Os *stoicheia* que seriam dissolvidos não precisam ser entendidos como elementos químicos do Universo, mas como os princípios fundamentais da velha ordem da Antiga Aliança: seu sistema sacrificial, seu sacerdócio levítico, seu templo e toda a estrutura que apontava para Cristo. Com a destruição de Jerusalém e do templo no ano 70 d.C., esses elementos perderam definitivamente sua função na história da redenção.

Quando Pedro afirma que “os céus passarão com grande estrondo”, ele pode estar empregando a mesma linguagem simbólica encontrada repetidas vezes nos profetas. O “céu” da Antiga Aliança — isto é, a estrutura da Lei mosaica como administração da relação entre Deus e Israel — estava prestes a desaparecer. Em seu lugar surgiria plenamente o “novo céu e nova terra”, expressão retirada de Isaías 65 e 66, onde o profeta associa essa nova criação à restauração do povo de Deus e não ao desaparecimento do Universo físico.

Essa interpretação recebe ainda mais força quando lembramos que o próprio autor de Hebreus afirma que a Antiga Aliança estava “envelhecida” e “prestes a desaparecer” (Hebreus 8.13). A carta foi escrita pouco antes da destruição do templo. O desaparecimento

daquela ordem ocorreu exatamente quando Jerusalém foi julgada, encerrando definitivamente o sistema sacrificial estabelecido por Moisés.

Portanto, a referência de Pedro ao dilúvio estabelece um padrão interpretativo importante. Se o “céu e terra” anteriores ao dilúvio não significavam a destruição do cosmos, mas o fim de uma ordem mundial, também o “céu e terra” que estavam reservados para o fogo apontam para outra mudança de administração na história da redenção. O fogo, frequentemente símbolo do julgamento divino nas Escrituras, consumiria a velha ordem da Lei, dando lugar à realidade definitiva inaugurada por Cristo.

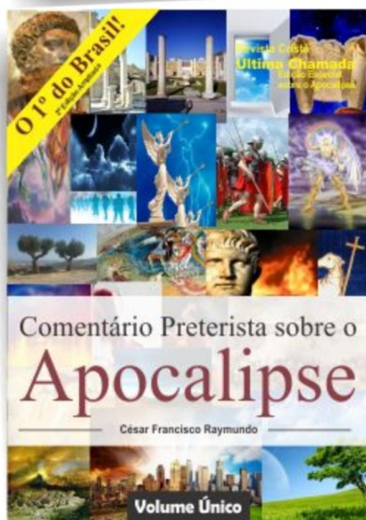
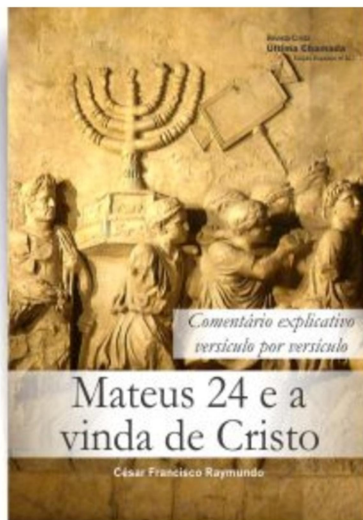
Dessa forma, a expectativa de Pedro não era a aniquilação do planeta, mas o cumprimento das promessas de Deus dentro do contexto da geração apostólica. Os escarnecedores seriam desmentidos porque o julgamento prometido realmente viria. A destruição de Jerusalém no ano 70 d.C. confirmou as palavras de Jesus e marcou o fim da antiga economia da Lei, permitindo que o Reino Messiânico se manifestasse sem as sombras e figuras do antigo pacto.

Sob essa perspectiva preterista, a mensagem de 2ª Pedro 3 deixa de ser um anúncio da destruição do universo físico para tornar-se uma poderosa proclamação da fidelidade de Deus em cumprir Suas promessas. Os céus e a terra da Antiga Aliança passaram, os *stoicheia* foram dissolvidos, e o novo céu e a nova terra — a nova ordem da Nova Aliança estabelecida por Cristo — tornaram-se a realidade permanente do povo de Deus.

Obras importantes para pesquisa

Faça download de nossos outros títulos em

www.revistacrista.org



Revista Cristã
Última Chamada

O livro mais
Amargo
da Bíblia dá suporte a



Esperança Pós-milenista?

César Francisco Raymundo

KENNETH L. GENTRY JR.

PÓS-MILENARISMO PARA LEIGOS

VOCÊ PODE ENTENDER
A PROFECIA BÍBLICA



Refutando o Amilenismo Dispensacionalismo Pré-milenismo Clássico

Jay Rogers

César Francisco Raymundo

revista cristã
última chamada

E se Deus não tivesse nascido de mulher?